:Sciência e Arte:

PALAVRAS A UM BEMFEITOR

... Há quem dê esmola para não assistir ao espectáculo penoso de vêr o sofrimento alheio, e há quem a faça para que o sofrimento alheio lh'a agradeça; há quem dê esmola para calar em si o sofrimento de ver sofrer os outros, e há quem a faça para gosar o prazer imoral de ver os outros agradecerem-lh'a. Há quem dê esmola para satisfazer e tranqüilizar a consciência perturbada, e há quem a faça para satisfazer a vaidade egoísta; há quem dê esmola únicamente quando a consciência o vê, e há quem só a faça quando o veja todo o mundo. Há quem dê esmola com medo de ganhar um remorso, que se pode comprar pelo preço fácil de um pedaço de pão; há quem a faça com o medo de perder um elogio agradecido, que custa apenas a superfluidade dalgumas migalhas. Há quem dê esmola para nunca se julgar mau; há quem a dê para que os outros o julguem sempre bondoso. Há quem faça da caridade um secreto adorno da consciência; há quem faça dela um adôrno vistoso da vaidade. Há quem a traga egoísticamente escondida no coração e há quem a traga pendurada na roupa como uma joia luxuosa e cara. Há quem a traga dentro do peito e há quem a traga fora do peito; há quem goste de a esconder e há quem goste de a exibir.

Antes de dar esmola, quem a dá, já está sobejamente pago, uns com a consciência sossegada, outros com a vaidade saciada. Ninguêm dá esmola senão pelo preço caríssimo dum pazer—íntimo ou exterior, pouco importa—o prazer de a dar. Esmola, afinal ninguêm a dá; vendem-na todos: uns pelo preço duma ilusão de bondade, outros mais barato ainda,—por um simples diploma de beneméritos. A caridade é um negócio indigno: ser bemfeitor é um comércio imoral. Comércio de consciência e paz, para os que são bemfeitores pelo coração; comércio de elogios e lisonjas para os que o são por luxo e vaidade.

E é por isso que a esmola é imoral e injusta. Não torna melhor quem a faz, e só humilha quem a recebe. Originada numa perversão moral de quem a dá, ela só vexa e humilha quem a recebe. Há quem engorde diáriamente com a fome de milhares de criaturas e não apague a fome duma só. E' que, onde a caridade existe, não existe o sentimento da justiça. Exercer a caridade, ou proclamá-la como um sentimento útil e bom, é corromper a noção e o sentimento da justiça—que diz que o primeiro e indestrutível direito do Homem é o direito à vida. Falar de caridade, onde só existe o sagrado direito de viver, é uma imoralíssima hipocrisia para justificar a iniquidade social.

A justiça não é calar a miséria: é não a fazer. A caridade, calando a boca da miséria, abafa pela corrução—a voz de um direito. Dar esmola seria pagar ao Homem um pouco do muito a que êle tem direito e de que o espoliaram. Dar-lh'a, porêm, a título de benefício é pretender, cínicamente ou inconscientemente, comprar todo o direito à vida por uma migalha de fome.

E, quando se pensa que há algumas espécies animais, onde os bemfeitores não existem, porque existe e é perfeito o instinto da justiça, é caso para o homem — se envergonhar da sua espécie...

MANOEL LARANJEIRA.

O DESPERTAR DO PATRIOTISMO

HÁ em França um incontestável despertar do sentimento nacional, cujas manifestações são numerosas e certas. No Bairro Latino, os rapazes colam no globo dos relógios, nos quartos mobilados onde moram as raparigas dos cafés, algumas etiquetas do principe Vítor ou do duque de Orleans... A casa Krupp propõe campanhas de despertar nacional na imprensa francesa, para multiplicar as encomendas de material no exército alemão. (Suponho que a casa Schneider paga igualmente campanhas de despertar nacional na imprensa alemã).

Há a pátria do rico e a pátria do pobre. Diz-se: o pobre não tem pátria, ou a sua pátria é a pátria revolucionária. E' a mesma coisa. A pátria revolucionária não é dum território. E' um bem moral semelhante ao bem que foi outrora a religião. A diferença é basear-se no trabalho e no espírito da revolta. E' possível que a pátria revolucionária tenha por momentos modalidades territoriais. O projecto de lei de 3 anos obriga os revolucionários de França a lutarem contra o govêrno francês, a preverem uma espécie de acção nacional.

... A pátria de outrora era a fidelidade ao rei, que era de direito divino; era assim a Deus que se pagava o imposto. E era Deus que restituia aos homens o seu dinheiro em forma de gendarmes. E quem morria nos campos de batalha era bem por Deus, pelo tsar e pela pátria.

Depois, houve a pátria abstracta dos *sans-culotes*, a pátria da liberdade. Mas esta liberdade era concebida metafísicamente. Não se pensara em suprimir a liberdade de morrer de fome.

Os srs. Barthou e Etienne não são de direito divino. Não são tampouco revolucionários segundo o século XVIII. Estão na tradição Schneider, Krupp, Reinach e Montebelo. Representam o patriotismo de negócio. A vida da França é hoje feita da oposição dêsse patriotismo e do nosso, que é o antipatriotismo.

... Ah! como é bela a guerra civil! Matam-se homens, sabendo porquê: aceito a guerra dos soldados da Revolução contra os soldados do Arameiro (*o ministro Etienne*).

... A nossa cultura e a nossa civilização não são as dêsse coronel de administração que se orgulha de possuir entre os seus soldados um bufo... A nossa civilização não é a dos oficiais rebuscadores de mochilas.

— «Não há só espiões entre os patriotas. Há sábios, escritores, artistas. Defendem uma tradição que não podeis deixar de respeitar. Ides deixar essa tradição à mercê das ordas alemãs ou dos terraplenadores em revolta?»

Os alemães não tencionam levar a cultura francesa. Bem sabeis que só levam relógios de pêndulo. Não sei o que faria Krupp em França; mas de Gœthe em viagem nada temo.

E há antes o problema do pão. Não para o sr. Krupp, mas para os escravos que o não teem. Sendo preciso, dispensaríamos as conquistas da civilização, se são em troca da escravatura. Tanto pior para uma civilização que só tem por defensores Krupp, Schneider, Reinach, Etienne e Carlos Mauras.

Aceitamos o risco do seu desaparecimento, mas não cremos nisso. A nossa fé na civilização não é uma virtude poupada que nos leva a esconder o nosso dinheiro no pé de meia. A nossa fé no pensamento que se inquieta e cria de novo o mundo a cada geração impede-nos de recear que a arte e a sciência e o pensamento desapareçam com os privilégios de alguns banqueiros, de alguns padres e de alguns pedantes.

LEÃO WERTH.

(*Cahier d'Aujourd'hui*, 1913).

— NA BARRICADA —

Semanário anarquista do Brazil = Preço $02 (20 reis). A' venda na redacção de "A Aurora". Em Lisboa na Tabacaria Ideal, rua dos Correeiros 211.

COISAS HISTORICAS

6-1883 — Sai, em Paris, um semanário com o titulo «A Vingança Anarquista».

7-1887 — Morre em Coimbra o poeta operário Adelino Veiga.

8-1830—Nasce, em Messines, o distinto poeta lirico, João de Deus.

9-1915 — E' preso, em Faro, por causa dum discurso que pronunciou, o anarquista José Franco.

10 1914 — O governo decreta o estado de sitio no Ceará (Brazil). Como protesto contra esta arbitrariedade, os sindicatos operários votam a greve geral.

11-1862 — São expulsos de Portugal as irmãs de caridade e os padres que a dirigem.

12-1807 — Os judeus obteem, no continente de Portugal e colónias os seus direitos civis.

A GUERRA

NÃO pude subtrair-me ao desejo de expor o meu pensamento sôbre o monstro que soterra e assola a Europa.

Desde o comêço desta horrível carnificina, que me tenho impressionado muito, parecendo-me impossível que a morte do principe da Austria e de sua senhora, arrastasse os homens uns contra os outros, destruindo vidas, desvastando campos e arrazando cidades.

E à fôrça de muito pensar, encontrei a verdadeira origem da guerra. Assim, conclui que as grandes potências, incapacitadas de impôr os seus produtos, se atiravam umas contra as outras como verdadeiras feras, umas querendo demonstrar, ante os olhos do mundo inteiro, asu a pretendida civilização, o seu temor ao imperialismo teutónico e portanto a necessidade da sua completa destruição. Outras, sentindo-se fortes e pretextando o assassinato de um herdeiro da corôa austro-húngara, mobilizam seus exércitos e aí se começa a scena de crimes e infâmias.

Durante dezoito meses, temos presenciado os maiores horrores a que a imprensa tem dado publicidade.

Influenciados pelo sentimento patriótico, infinidade de homens do trabalho, cheios de amor e de vida, abandonaram suas ferramentas para se dirigirem aos campos de batalha e lutar com bravura contra seus irmãos em defesa de interesses capitalistas, regando com o seu sangue jovem o campo fértil e bom para o cultivo.

Francamente, o meu espirito indigna-se, os meus olhos humedecem-se, crispando-se os meus punhos em face de tamanha infamia.

E tantos anos de propaganda antimilitarista!

Que dor! Nos meus ouvidos ecoa o estampido do canhão, e o ai doloroso das mães que perdem os seus filhos e dos filhos que perdem seus pais.

E o que é doloroso, é que homens que me serviram de mestres, como Krapótkine, que, com suas obras, me esclareceu o meu cérebro, os quais, sendo claras e concisas, me demonstraram a desigualdade social com todos os seus horrores e a possibilidade da sua destruição para podermos viver livremente, se tenham prestado a aconselhar homens e crianças a trem à guerra!

Não posso admitir semelhante êrro e creio firmemente que o cérebro dêsses homens teve qualquer perturbação.

Mas por causa desta série de erros e de barbaridades devemos deter-nos, nós, os anarquistas? Não.

A nossa propaganda deve ser cada vez mais intensa.

Quem tem um critério próprio, não seguindo os passos de nenhum pastor, e que tendo descoberto à intempérie a chaga social, deve marchar com passos de gigante: cada acontecimento servir-lhe há para temperar mais e mais o seu espírito.

Creio firmemente que a nossa propaganda obtem o seu resultado; a grande miséria que assola o mundo, a vida cada vez mais impossível que sofrem os trabalhadores, ha-de trazer por conseqüência uma revolução dos povos que fará tremer ou talvez acabar com os Estados.

O Congresso Pró-paz que se realizou no Brazil é um expoente dos desejos de que estamos animados para que esta carnificina termine. Desta forma as nossas energias multiplicam-se e novas iniciativas surgem no campo da luta, que servirão para unir mais as nossas forças revolucionárias, conquistando a nossa liberdade, destruindo e levando ao esquecimento tudo o que hoje significa destruição e morte pela ambição.

Rio de Janeiro.

JUANA BUELA.

AOS GRUPOS

Como sabeis, hoje, mais do que nunca, os oprimidos sofrem o vil despotismo dos potentados da terra.

E neste estado de fome e de atropelos sem limites, os homens de espírito livre vêem a causa da ruína física e moral daqueles que, tudo produzindo, lutam com a mais negra miséria, explorados pelos nossos semelhantes que, à sombra dos privilégios, dispõem dos nossos sacrifícios em seu proveito próprio.

Assim é preciso que os animtos acordem do sono da indolência, erguendo bem alto o grito da revolta, para que a frase de Vitor Hugo «o homem será feliz quando for livre», se torne um facto.

Estando suficientemente reconhecida a necessidade de uma forte reacção contra a carestia da vida, o Grupo «Avante pela Verdade», lembrou-se de convocar uma reunião de todos os grupos, que se efectuará por todo o mês corrente. Espera-se o maior acolhimento, devendo os grupos que aderirem a esta iniciativa enviar as suas direcções para Humberto Severino, à rua de Camões, 160, para vos oficiar.

A favor de A AURORA

Afim de evitarmos quaisquer dificuldades financeiras ao nosso jornal, dificuldades essas que muito prejudicam a propaganda anarquista, resolvemos abrir uma subscrição voluntária, para a qual chamamos a atenção dos nossos camaradas, pedindo-lhe com insistência que contribuam para ela na medida das suas fôrças. O produto desta subscrição é, como dissemos, destinado a cobrir todos os *deficits* que pesem sôbre a «Aurora», visto que só assim poderemos garantir sem grandes e pesadíssimos sacrifícios monetários, a sua regular publicidade.

Transporte	31$06
Bihé, Africa	
M. J. Rodrigues Sousa	$30
A. Brito Saraiva	$40
A. C. Barbedo Pinto	$40
José Ferreira Santos	$40
Soma	33$16

Conselhos de higiene e de medicina

A CASA OPERÁRIA

A CASA operária deve ter pelo menos dois compartimentos: cozinha e quarto de dormir. E' o mínimo. Infelizmente, há em tôdas as grandes cidades «civilizadas» milhares de famílias que dormem, cozinham, comem e trabalham numa sala única — ou num só cubículo.

Os dois compartimentos devem ser bastante amplos, e sobretudo bem arejados e iluminados: são as condições fundamentais da higiene e do asseio.

A cozinha, principalmente se é também sala de jantar, deve andar sempre cuidadosamente esfregada e livre de mau cheiro. Cuidado sobretudo com a pia de despejo e com o caixão do lixo — que, por sinal, deve ser antes uma lata ou uma caixa de folha de ferro, mais impermeável e fácil de limpar. O lixo, restos, cascas, etc., devem nela ser deitados com cuidado, para que não caiam pelo chão. Não se escove a roupa, nem se limpe o calçado na cozinha-refeitório; isso deve ser feito no corredor ou no quintal, se os houver...

O quarto de cama voltado para o sueste é o melhor; em todo caso, nunca para o norte. E' preciso que entre o sol bemfazejo. Os pobres não usam grandes cortinados e reposteiros, mas não se lamentem por isso. Uma cortinazita para a janela, contra os olhares indiscretos, é quanto basta. Quanto menos trapalhadas, ninhos de pó, melhor. Enfeites, poucos e de bom gôsto: Cama simples, de ferro ou de madeira. Tapetezite ao pé da cama, para os pés descalços, vá lá; mas batam-no e assoalhem-no todos os dias. Nada de peniqueira, que acaba sempre por se impregnar de urina e cheirar mal: o bispote ou, como se diz no Algarve, o doutor deve ficar debaixo da cama, com tampa, durante a noite, e durante o dia na retrete.

Na retrete, se houver. Os senhorios das casas pobres acham amiude que isso é luxo inútil, e os pobres concordam... Depois, em Portugal, sobretudo, rara é a cidade que tenha esgotos. De modo que uma retrete limpa, arejada, iluminada, sem fedor, é coisa excepcional nas habitações operárias. Quando muito, há um foco de infecção, a juntar aos outros. Como entanto, esta parte da casa é da maior importância!

ESCULÁPIO LIBERTÁRIO.

As responsabilidades da guerra

O que diz um sindicalista francês

Os sindicalistas que, desde o princípio, se juntaram ao govêrno descobriram duas coisas: afirmam que fizeram tudo para impedir a guerra e que só a Alemanha tem a responsabilidade dela.

Concepções cómodas, confortáveis. Nada temos de que nos acusar e não tinhamos remédio senão defender-nos contra uma agressão longamente premeditada. Unicamente aquelas duas afirmações são falsas.

Esses sindicalistas conferem lestamente a si mesmos um atestado de irrepreensibilidade. ¿Que fizeram êles para impedir a guerra? Ao lado da acção pública que todos conhecem, houve sessões quase cotidianas da Comissão Confederal. Há-de se escrever a história dessas sessões. Não é gloriosa.

Mesmo atendo-nos aos factos imediatos, o exame exclusivo dos documentos diplomáticos dos aliados não permite dizer que foi só a Alemanha que quis a guerra e a provocou. A guerra que se desencadeou há quinze meses havia dez anos que vagueava pela Europa. Sempre que se tornou ameaçadora, em 1905, em 1911, em 1912, denunciámo-la como o embate de imperialismos rivais, mobilizámos contra ela os trabalhadores de França e tomámos parte em demonstrações internacionais. Hoje que ela se desencadeou a pesar nosso, fingem que a não conhecem e dão-lhe um carácter dum ataque inopinado do militarismo alemão contra a liberdade dos povos. ¿Cuidam que assim mascaram a nossa impotência?

Se o cálculo é êsse, é um cálculo miserável e perigoso. Porque êsse novo ponto de vista arrasta duas conseqüências, uma quanto ao passado e outra quanto ao futuro.

Se havia quarenta anos que a Alemanha se preparava para cair sôbre a França à hora por ela escolhida, então tinham razão os nacionalistas, que lhe denunciavam incessantemente os intentos belicosos, e bem mal andamos em os combater.

E quanto ao futuro, são ainda os esquartejadores da Alemanha que teem razão. Destruir o militarismo alemão, ou isso não faz sentido, ou significa que é preciso enfraquecer a Alemanha, cortá-la em pedaços. E' incontestável que uma Alemanha amputada das províncias da margem esquerda do Reno, como pede a Liga dos Patriotas e como indica o mapa que ela manda distribuir pelos soldados nas trincheiras para atestar que a França não faz uma guerra de conquista, seria militarmente menos forte. Não seria o seu esmagamento definitivo, mas ficaria consideravelmente debilitada e necessitaria de dezenas de anos para reconstituir o seu antigo poderio. Mas isso de nenhum modo atingiria o próprio militarismo. E' um escritor ingles, Arnold Bennett, que se vê forçado a recordar-nos que o militarismo alemão só pelos próprios alemães poderá ser destruído, pois o militarismo não destrói mas gera o militarismo. ¿Não vemos nós, neste mesmo momento, armarem-se frenéticamente todos os Estados, beligerantes ou não?

E depois, essa explicação de circunstância, achada depois do facto, em oposição absoluta com tudo o que diziamos até à véspera da guerra, tem outro perigo: livra de tôda e qualquer responsabilidade os nossos patrioteiros, os nossos na-